



**INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL
NO PROCESSO DE ENSINO-
APRENDIZAGEM NO ENSINO
SUPERIOR: REFLEXÕES DOCENTES**

Boletim da Faculdade Unina
Boletim Faculdade Unina V.7, N.2, 2025

Corpo Editorial

Me. Luis Gabriel Venancio Sousa
Me. Sônia Maria Packer Hubler
Me. Murillo Hochulli Castex
Dra. Soeli Terezinha Pereira

Revisão de Texto

Sônia Maria Packer Hubler

Diagramação

Carolyne Eliz de Lima do Nascimento

Instituição

Faculdade Unina

Endereço

Rua Claudio Chatagnier, nº 112, Bacacheri
CEP: 82520-590

Telefone

(41) 3123-9000

Site

www.unina.edu.br

Indicação de periodicidade

Semestral



IA no Ensino Superior: A Crise da Narração é Também uma Crise Ética?

No Ensino Superior, a preocupação de quem atua pedagogicamente no processo de ensino-aprendizagem com plágio em trabalhos/textos sempre esteve em voga, mas, nos últimos anos, outro elemento preocupante emergiu para ampliar esse cenário: a transposição de autorias para a Inteligência Artificial Gerativa (IAG).

Nesse contexto, é preciso nos questionar: qual o limite ético de uso de Inteligência Artificial Gerativa no Ensino Superior para a produção de textos científicos? Já em 2021, Santaella (2021) nos alertava sobre a necessidade de se discutir e se refletir sobre as linguagens da cibercultura, justamente pelo impacto que a vida online traz para a vida social, ainda mais depois da ascensão desenfreada da IAG para a elaboração de textos acadêmicos por estudantes e docentes.

É a partir dessa necessidade de se pensar a linguagem da/na cibercultura, bem como a minha experiência como coordenador de pesquisa da Faculdade Unina, que proponho uma reflexão desse cenário à luz da crise da narração (Han, 2023). O filósofo sul-coreano adverte que “a sociedade está ficando cada vez mais pobre em experiências transmissíveis que ocorrem da boca ao ouvido” (Han, 2023, p. 32), pelo fato de as pessoas não narrarem mais, ou seja, não construir conhecimentos que contribuam para a formação integral do sujeito em si, nem para a perpetuação cultural. Para ele, narrar é também manter uma história viva, construir saberes, nos ajudar a estabelecer identidades; sem a narração, há uma crise estabelecida.

No Ensino Superior, a crise da narração

perpassa não apenas estudantes, que transferem a autoria de seus textos para a IA gerativa, mas docentes que, conscientes de sua posição ética na mediação e produção do conhecimento, também se ancoram no recurso da IA para se apropriarem de autorias da máquina. Dessa forma, a sabedoria, que é o tecido na substância viva da existência, e está incorporada na vida como narração, aflora como decadente, porque ela é substituída por uma técnica de solução de problemas (Han, 2023). Ao transferir para a IA gerativa a autoria da produção de um texto, tanto discentes quanto docentes materializam no texto e na produção científica uma solução de problemas para cumprir demandas, distanciando o espaço acadêmico da produção de conhecimento, da criação de narrações, do compartilhamento de sabedorias e vivências.

À vista disso, sem saber narrar, o sujeito passa a ser assujeitado (Bakhtin, 2015[1975]), ou seja, a reproduzir discursos/comportamentos sociais, sem que se tenha uma criticidade ou consciência do que se faz/diz. Isso afeta, então, não apenas o indivíduo em si, mas uma sociedade que depende e muito do contexto acadêmico para a reflexão da evolução humana. Sem saber olhar para o mundo e para os fatos

que o cercam, o sujeito não sabe narrar. Sem saber olhar para os fatos/acontecimentos externos que o formam como sujeito, não se tem interioridade/consciência que permita internalizar acontecimentos, tecê-los e condensá-los em uma narrativa.

Portanto, ao transferir a autoria de um texto para a IA, além de se assujeitar – deixar de existir (simbolicamente) –, docentes e discentes também contribuem para a ampliação de uma crise intelectual, além da crise ética, mas, principalmente, para a crise de uma sociedade que não sabe narrar, escrever, expor sua visão de mundo, tampouco construir sentidos a partir do mundo em que habita. O mundo, segundo Han (2023), é transnarrado, e, narrando, passamos a vê-lo com os olhos completamente diferentes. Transpor autoria para a IA é solucionar problemas de demandas, mas tampar os olhos para o mundo.

Luis Gabriel Venancio Sousa

Doutorando em Linguística (UFSC). Professor do curso Letras Português e Coordenador do Núcleo de Incentivo à Pesquisa e Inovação (NIPI) da Faculdade Unina.

REFERÊNCIAS:

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do Romance I: A estilística**. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015[1975]).

HAN, Byung-Chul. **A crise da narração**. Petrópolis: Editora Vozes, 2023.

SANTAELLA, Lucia. **Humanos hiper-híbridos: linguagens e cultura na segunda era da internet**. São Paulo: Paulus, 2021.



Práticas Docentes na Sociedade da Informação

Em nossa contemporaneidade, o acesso às informações torna-se intensificado e expressa um novo cenário de relações sociais, no qual a tecnologia torna-se uma parte indispensável. Hoje, as tecnologias de comunicação e informação são responsáveis por mediar grande parte de nossas interações cotidianas e, nesse sentido, é necessário integrarmos um agir responsável com relação aos seus usos.

Olhando para as tecnologias digitais, o filósofo sul-coreano Byung Chul Han nos alerta, na obra *Não coisas: reviravoltas do mundo da vida*, sobre o processo de informatização do mundo. Para o teórico, “não habitamos mais a terra e o céu, mas o Google Earth e Cloud. O mundo está se tornando cada vez mais incompreensível, mais nublado e fantasmagórico” (Han,

2022, p. 12), assim, em um cenário em que predomina a lógica digital, as informações ocupam o centro de nossas reflexões.

Nesse contexto, para o filósofo, “a ordem digital encerra a época da verdade e inaugura a sociedade da informação pós-factual”. Desse modo, não é raro depararmos com notícias falsas e até mesmo com a substituição de atribuições humanas por meio de usos da inteligência artificial. Diante desse cenário, é necessária a devida atenção, para não desperdiçarmos o potencial transformador das novas tecnologias.

De acordo com a professora e pesquisadora Vani Moreira Kenski (2003, p. 127), o ensino mediado por tecnologias digitais pode transformar as relações verticais (professor > aluno) e as formas lineares de interação com

as informações, impactando a construção social e individual do conhecimento. Em suas reflexões, a autora aponta caminhos para a integração das novas tecnologias no cotidiano do ensino-aprendizagem, valorizando os seus usos por meio de dinâmicas criativas. Para essa integração, é necessário que os próprios percursos de formação docente possibilitem espaços de reflexão sobre o uso das tecnologias digitais em ambientes de ensino-aprendizagem.

Diante de tais perspectivas, a integração da inteligência artificial em dinâmicas de aprendizagem deve ser mediada a partir do devido processo reflexivo, jamais de maneira a substituir a capacidade humana de criar e, principalmente, narrar. Em outra obra sobre os caminhos atuais das novas tecnologias digitais, “A Crise da Narração”, Han nos alerta sobre como a humanidade está perdendo a sua capacidade de contar histórias. Diante desse cenário, o teórico afirma que a inteligência artificial não pode pensar porque não é capaz de uma narração apaixonada (Han, 2023, p. 109). Assim, cabe a nós, docentes, o incentivo

a espaços de construção de narrativas e diálogo, nos quais os estudantes possam contar as suas histórias e desenvolver a criatividade de maneira coletiva. O uso da inteligência artificial, dessa forma, não deve ser entendido como uma ameaça, mas analisado a partir de suas possibilidades e limitações, com uma reflexão crítica.

Somente por meio da reflexão crítica poderemos superar um cenário de crise narrativa, no qual o potencial criativo das ferramentas digitais se perde. Para esse caminho, faz-se necessária a ação docente, como ferramenta eficaz na construção de saberes para uma formação que integre o uso de tecnologias digitais como ferramentas emancipatórias, e não como meros reprodutores de informações.

Murillo Hochuli Castex

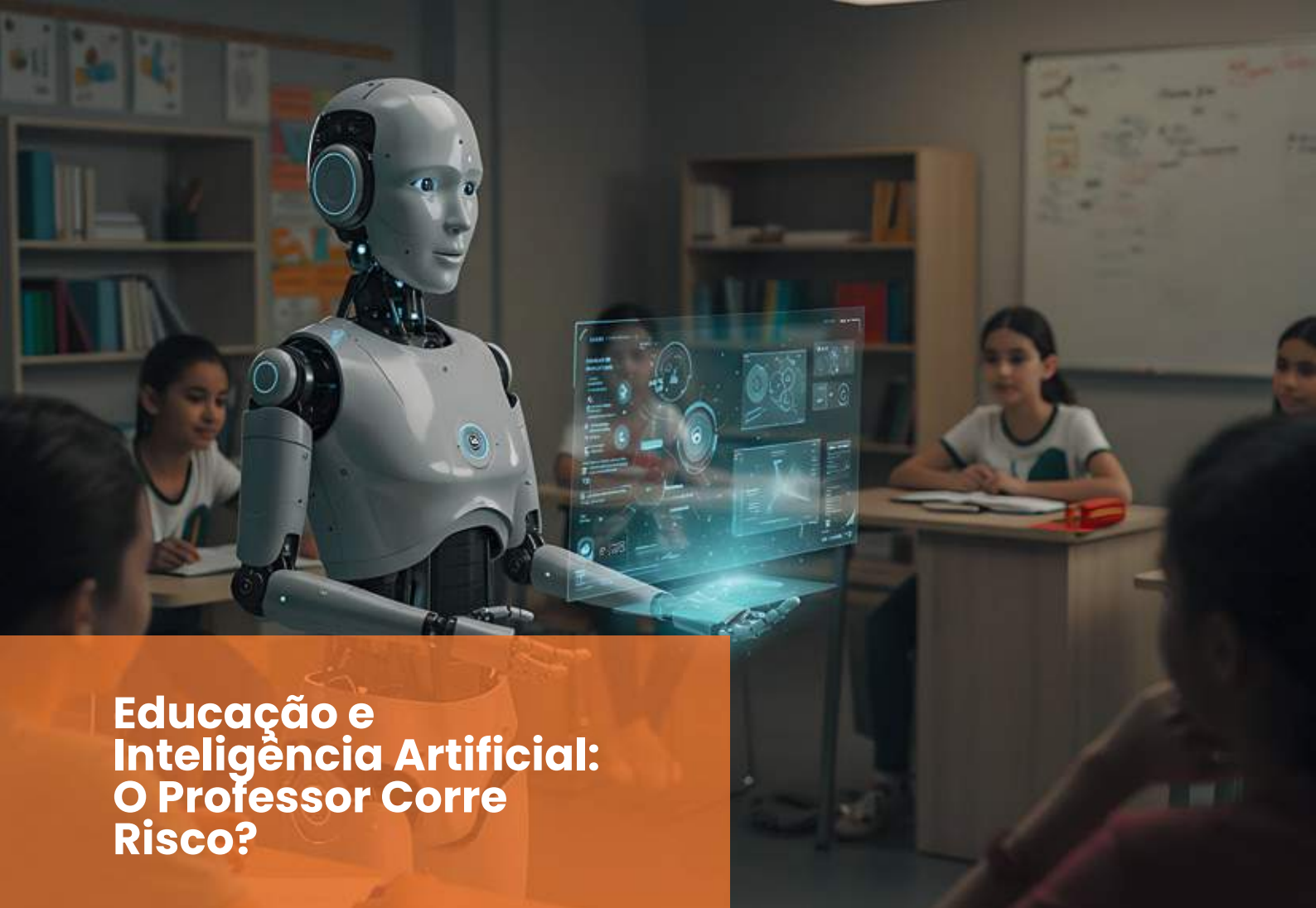
Mestre em Estudos de Linguagens (UTFPR).
Professor do curso Letras Português da Unina.

REFERÊNCIAS:

HAN, Byung-Chul. **A crise da narração**. Byung-Chul Han; tradução de Daniel Guilhermino. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

HAN, Byung-Chul. **Não-coisas**: reviravoltas do mundo da vida. Byung-Chul Han; tradução de Rafael Rodrigues Garcia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**: Prática Pedagógica. 4ª Edição. Campinas: Editora Papirus, 2003.



Educação e Inteligência Artificial: O Professor Corre Risco?

O avanço da Inteligência Artificial (IA) vem promovendo alterações significativas no funcionamento de vários setores da sociedade, entre eles a educação. Nesse campo, práticas, métodos e relações em sala de aula têm sido objeto de reflexões e remodelações, que nem sempre ocorrem de forma tranquila e natural. Por vezes, surgem debates polarizados, geradores de incertezas e receios, como pode ser exemplificado com a ideia de o professor ser substituído pela IA.

As tecnologias de IA têm sido usadas, em vários níveis educacionais, para desenvolver conteúdos, elaborar avaliações e feedbacks aos estudantes, o que, antes de sua disseminação, era feito basicamente pelo professor. Independentemente da qualidade com que o fazem, as máquinas têm potencial para executar tais tarefas de forma muito rápida, precisa e econômica.

Por que manter o professor no processo de ensino-aprendizagem então? Porque o professor é elemento fundamental nesse processo. Essas tecnologias não são autônomas, não agem sozinhas, são orientadas/conduzidas nos contextos educacionais pelo professor. Assim, podem auxiliá-lo, não tomar o seu lugar. Provavelmente, há quem diga que não o fazem ainda. Quero crer que maior e melhor que uma ferramenta tecnológica é alguém que a cria e sabe manipulá-la de forma inteligente, e em seu benefício.

Por mais avançada que seja, a IA ainda não consegue reproduzir aspectos essenciais da relação pedagógica humana, fundamental à construção de conhecimentos (Lima et al., 2024). Isso porque, para uma aprendizagem significativa, não basta o aluno ter acesso a conteúdos, são necessários os processos interativos, emocionais e sociais, mediados

por pessoas, entre as quais se destaca a do professor (Baltar; Baltar, 2023).

Essa mediação humana é insubstituível. Além do que, uma máquina não ensina valores, não acolhe angústias, não motiva frente a frustrações, nem escuta subjetividades, tais funções permanecem exclusivas do educador.

Ainda a respeito da possibilidade da substituição do professor pelas ferramentas de IA, Nyland et al. (2024) defendem que a questão central não é o receio da substituição, mas a redefinição do papel do professor nesse novo cenário. Para os autores, a função de buscar/preparar conteúdos e transmiti-los aos alunos já está ultrapassada. O docente deve atuar, com muita propriedade e eficiência, como mentor, mediador e referência ética para o estudante.

Nesse contexto, num mundo já inundado pelas ferramentas de IA, cabe ao professor não só ensinar os estudantes a usá-las, mas

a compreendê-las criticamente. O verdadeiro educador ajuda a formar cidadãos capazes de questionar e intervir no mundo (Silva et al. 2025).

Assim sendo, o receio de os sistemas de educação formal prescindirem da figura do professor não se sustenta, uma vez que ele é um dos atores fundamentais desse processo, com papéis distintos dos que caracterizam as tecnologias de IA. Uma boa alternativa seria tomá-las como aliadas para potencializar a aprendizagem, e o professor continuará a ser um elemento indispensável na promoção do desenvolvimento integral do aluno.

Sonia Maria Packer Hubler

Mestre em Linguística de Língua Portuguesa (UFPR). Professora do curso de Letras Português e do Programa de Letramento Acadêmico da Unina (Prolac).

REFERÊNCIAS:

BALTAR, Ronaldo; BALTAR, Claudia Siqueira. Professores serão substituídos pela inteligência artificial? *Authorea*. February 01, 2023.

DOI: 10.22541/au.167528138.89188276/v1. Disponível em: <https://www.authorea.com/doi/full/10.22541/au.167528138.89188276>. Acesso em: 21 ago. 2025

NYLAND, Joana J. A. O. L. et al. O papel dos professores na era da IA: colaboração ou substituição? *Ciências Humanas*, v. 28, n. 132, 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/378964459_O_PAPEL_DOS_PROFESSORES_NA_ERA_DA_IA_COLABORACAO_OU_SUBSTITUICAO. Acesso em: 21 ago. 2025

SILVA, Alessandro Siqueira da; ALARCÃO, Davi Taveira Alencar; FARIA, Syd Pereira. Inteligência artificial na educação brasileira: fomentando ou freando a autonomia e o pensamento crítico do aluno? *Revista Lumen et Virtus*, São Paulo, v. 16, n. 48, p. 121-138, jan./abr. 2025. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/LEV/article/view/5176>. Acesso em: 21 ago. 2025.



Inteligência Artificial e Aprendizagem: Desafios e Oportunidades para o Administrador do Futuro

O avanço da era digital tem proporcionado diversas facilidades para a área da educação. O desenvolvimento de tecnologias e de ferramentas baseadas em Inteligência Artificial (IA) pode contribuir de forma significativa para o apoio e a orientação nos espaços de aprendizagem, sobretudo no âmbito das produções acadêmicas e científicas, que tendem a potencializar o progresso humano. Para Araújo (2011), o uso de novas ferramentas digitais acompanha a

evolução do tempo presente, influenciando não apenas as formas de aprendizagem e de vivência, mas também as práticas sociais vinculadas ao contexto de uso dessas tecnologias.

Nesse contexto, o avanço digital não se restringiu à criação de ferramentas complementares, como sites e plataformas digitais, mas instaurou uma nova dinâmica educacional nas instituições de ensino, que

passaram a incorporar novos meios de organização, linguagem e processos. No Ensino a Distância (EAD), é comum que essas ferramentas se apresentem de maneira natural dentro dos ambientes online, com o intuito de favorecer a autonomia do estudante perante o conteúdo da disciplina e possibilitar novas formas de aprendizagem e de interação com o professor-tutor, contribuindo para a ampliação da acessibilidade ao ensino.

No entanto, os estudantes frequentemente usam essas ferramentas para otimizar o raciocínio sobre um tópico de pesquisa, mas não dedicam tempo para analisar o conteúdo a partir de uma perspectiva crítica e não automatizada. Esse fator é preocupante por comprometer, ao longo dos anos, o poder de raciocínio crítico, ou seja, o poder mental consciente sobre um tema. Seria possível relacionar isso ao que foi abordado no livro de Daniel Kahneman (2011), “Rápido e Devagar: Duas Formas de Pensar”, quando é afirmado pelo autor que existem dois sistemas de processamento cerebral, o sistema 1 e o sistema 2. O sistema 1 se refere a decisões tomadas que não precisam e nem demandam do cérebro para serem desenvolvidas, como escovar os dentes, preparar o almoço, dirigir e demais atividades que são feitas de maneira automática. O sistema 2, por sua vez, se refere às demandas que exigem um certo nível de análise cerebral, como quando é necessário analisar um contrato, procurar uma pessoa específica no meio de uma multidão, bem como para escrever um texto sobre um determinado tema, apenas utilizando uma folha em branco. Esse último caso, sistema 2, implica nível e probabilidade de retrocesso no potencial de escrita e aprendizagem nos próximos anos. Quanto mais o estudante fica dependente

de ferramentas de IA para ter condições de discorrer sobre algum tópico, maior será a dificuldade de adaptação em um contexto prático.

Levando esse contexto para a área de Administração, os estudantes não percebem o quanto o uso de IA afeta o entendimento e a aplicação de ferramentas de gestão, impactando na vivência prática e na carreira (seja ela acadêmica ou não). O profissional de Administração precisa compreender a teoria e suas nuances, para depois elaborar um pensamento crítico sobre a usabilidade, seja de uma ferramenta ou método de processo, na dinâmica de uma empresa.

Com o retorno das atividades presenciais nas empresas, a convivência e aquele bom networking também exigem um esforço cognitivo, conforme estudo publicado pela Sensorama Design (2023), isso porque precisa-se de estratégia e de entender bem o contexto em que cada profissional está inserido. Com isso, a didática na aprendizagem e o cuidado sobre uso de IA vem sendo acompanhados de perto dentro do curso. As atividades estão sendo revisitadas e adaptadas para inserir o estudante em um contexto prático. O objetivo é que ele aplique a teoria aprendida, utilize as ferramentas disponíveis e, principalmente, exercite o pensamento crítico sobre determinada situação. Essa abordagem é uma das maneiras que conseguimos de prevenir o uso demasiado e acrítico da IA, de forma que ela possa ser uma aliada na pesquisa do estudante, e não um substituto do processo de aprendizagem do estudante.

De maneira geral, o uso de IA deve, sim, ser considerado em um ambiente de aprendizagem, contribuindo na criatividade do estudante, porém o acompanhamento e as mudanças na didática (como o caso

de adaptação de atividades) e a supervisão devem ser praticadas, principalmente em um contexto de EaD.

Mayara T. Müller

Doutora em Relações Internacionais (UFSC).
Coordenadora do curso de Administração da
Faculdade Unina.

Bianca Dantas

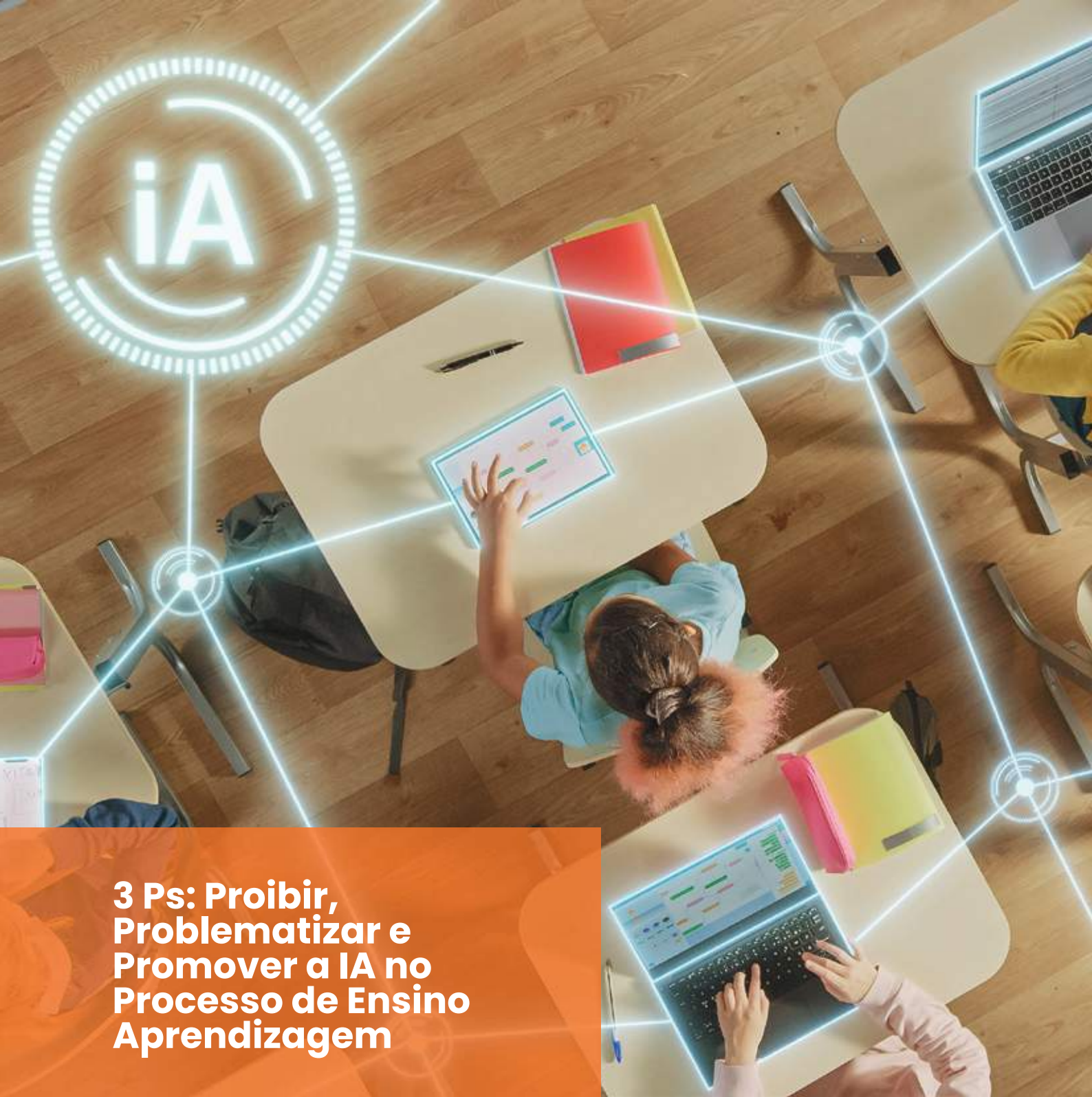
Mestra em Ciência, Tecnologia e Sociedade
(IFPR). Professora do curso de Administração da
Faculdade Unina.

REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, Ulisses Ferreira. A quarta revolução educacional: a mudança de tempos, espaços e relações na escola a partir do uso de tecnologias e da inclusão social. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP v.12, n.esp., p.31-48, mar. 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1202>. Acesso em: 25 ago. 2025.

KAHNEMAN, Daniel. **Thinking, fast and slow**. macmillan, 2011.

SENSORAMA. SensoTrends #01: Future Connect – How will be socialization in Brazil by 2030. São Paulo: Sensorama, jun. 2023. Disponível em: <arquivo em PDF>.



3 Ps: Proibir, Problematizar e Promover a IA no Processo de Ensino Aprendizagem

Iniciamos nossa reflexão, lembrando de um fato ocorrido há quase 40 anos, quando professores e 'professoras estadunidenses que lecionavam matemática no Ensino Fundamental saíram às ruas dos Estados

¹ Ver mais em: <https://www.washingtonpost.com/archive/local/1986/04/04/math-teachers-stage-a-calculated-protest/co03ddaf-b86f-4f2b-92ca-08533f3a5896/>

Unidos para protestar contra o uso da calculadora em sala de aula. A linha de questionamento que era seguida pelos professores era a de que a ferramenta não serviria para nada até o cérebro ser treinado, ou que o uso da calculadora deveria ser disponibilizado somente depois que a criança aprendesse os conceitos matemáticos básicos.

Notemos então que, entre outros aspectos, o que estava em discussão não era a aversão à “inovação”, mas sim o direcionamento de que era necessário refletir sobre como seria a forma mais correta de os alunos a utilizarem e em que sentido o seu uso poderia comprometer o aprendizado desses estudantes.

Seguiremos nossa discussão nessa mesma linha de raciocínio, usando, para isso, como forma elucidativa, o que chamaremos de 3 Ps, **I – Proibir; II – Problematizar e III – Promover.**

Pode-se entender que, a partir do momento em que o estudante descobre os “benefícios” das ferramentas de IA, ele as utiliza indiscriminadamente, para tudo (ou quase tudo), produzindo, assim, pouca ou nenhuma atividade intelectual própria. Em resumo, a máquina produz e o estudante entrega. Nesse sentido, como forma de amenizar tal situação, decide-se então por proibir o uso da Inteligência Artificial pelos estudantes em suas atividades acadêmicas. Tal decisão pode ser compreendida como sendo a primeira e mais rápida ação tomada por docentes e instituições de ensino a respeito do tema.

Rodrigues e Rodrigues (2023) indicam que são inúmeras as formas utilizadas por profissionais da educação para tentar reduzir o uso indevido da IA pelos estudantes, como, por exemplo, a aplicação de avaliações redigidas a mão; a realização de trabalhos

presenças e provas orais. Mas os autores indicam que, mais importante do que proibir, é repensar a forma como o processo de ensino-aprendizagem pode se apropriar dela (Rodrigues; Rodrigues, 2023).

Nesse sentido, em nosso segundo conjunto de “Ps”, o do problematizar, podemos implicar então que, além de somente cobrarmos os estudantes pelo uso inadequado da IA, devemos indagar a situação pelo sentido inverso, ou seja, de que maneira as atividades elaboradas pelos docentes estão sendo propostas para os estudantes? Assim sendo, tão importante quanto focar naquilo que está sendo respondido pelo aluno (neste caso, pela IA), é analisar a qualidade daquilo que está sendo perguntado pelo professor (Silva, 2023, s/p).

Assim, chegamos ao nosso terceiro “p”. Este, por sua vez, está direcionado à ideia de que é possível promover atividades que integrem o uso adequado da IA com a produção humana, de modo que a primeira não substitua a segunda, mas sim, que possa dinamizar processos possíveis de serem realizados pela máquina. Tais atividades podem potencializar o processo de ensino-aprendizagem, especialmente na personalização do aprendizado, na ampliação do engajamento estudantil ou na identificação de lacunas de aprendizagem dos estudantes (Barbosa, 2023). Nesse sentido, é possível compreender que:

o potencial inovador da IA na educação é vasto, mas sua realização depende de uma implementação cuidadosa e ética. O diálogo contínuo entre pesquisadores, educadores, alunos e formuladores de políticas é essencial para garantir que a IA seja utilizada de maneira a enriquecer o processo educacional e beneficiar os envolvidos (Da Silva e colaboradores, 2025, p. 35646).

2 Inovação: A inovação, aqui, não se refere ao objeto calculadora em si, mas sim ao seu uso dentro das escolas (a calculadora portátil). No sentido de que a inovação, necessariamente, não precisa ser algo novo/inédito em termos gerais, mas a ação implementada deve ser nova para o contexto em que foi inserida (Tavares, 2019).

Esse diálogo também precisa ser favorecido pela consulta a referencial teórico³ atualizado sobre o tema, o qual contribui com bases científicas para as tomadas de decisão mais acertadas a respeito da IA no processo de ensino-aprendizagem.

³ A exemplo das Diretrizes para o uso ético e responsável da Inteligência Artificial Generativa: um guia prático para pesquisadores (um livro de Sampaio; Sabbatini; Limongi, 2024). Disponível em: <https://prpg.unicamp.br/wp-content/uploads/sites/10/2025/01/livro-diretrizes-ia-1.pdf>

Guilherme Natan Paiano dos Santos

Mestre em Educação e Novas Tecnologias (Centro Universitário Internacional Uninter). Coordenador do Curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade Unina.

REFERÊNCIAS:

BARBOSA, Carlos Roberto de Almeida Corrêa. Transformações no ensino-aprendizagem com o uso da inteligência artificial: revisão sistemática da literatura. RECIMA21 – Revista Científica Multidisciplinar, São Paulo, v. 4, n. 5, p. e453103, 2023.

DA SILVA, Joel Paulino; DE OLIVEIRA, Leonardo Correia Santos; DE REZENDE E SILVA, Daniele Angela; DE OLIVEIRA, Viviane Janine; DA SILVA, Cintia Ribeiro. **A percepção de professores sobre o uso de IA em sala de aula: barreiras e oportunidades.** ARACÊ, São José dos Pinhais, v. 7, n. 7, p. 35637–35651, jul. 2025

RODRIGUES, Olira Saraiva; RODRIGUES, Karoline Santos. A inteligência artificial na educação: os desafios do ChatGPT. Linguagem e Tecnologia, Anápolis, Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Educação, **Linguagem e Tecnologias**, set. 2023

SILVA, Jesué Graciliano da. **Quais os impactos do ChatGPT e da Inteligência Artificial na Educação?** IFSC Verifica, Florianópolis, 28 fev. 2023. Disponível em: <https://www.ifsc.edu.br/web/ifsc-verifica/w/quais-os-impactos-do-chatgpt-e-da-inteligencia-artificial-na-educacao->. Acesso em: 23 ago. 2025.

TAVARES, Fernando Gomes de Oliveira. O conceito de inovação em educação: uma revisão necessária. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 40, n. 147, p. 1–18, jan./mar. 2019.



ChatGPT



Capabilities

Remembers what user said earlier in the conversation

Allows user to provide follow-up corrections

Trained to decline inappropriate requests



Limitations

May occasionally provide incorrect information

May occasionally generate harmful instructions or content

Limited knowledge of events after 2021

Inteligência Artificial no Processo de Ensino-Aprendizagem EaD no Ensino Superior e seus Desafios

Construir, refletir, pesquisar e discutir, participação ativa, essas sempre foram algumas premissas para a construção da aprendizagem do ser humano,

indiferentemente da sua idade ou modelo de ensino participante, mesmo sendo na modalidade da Educação a Distância. Diferentes tecnologias são desenvolvidas

no decorrer da evolução da sociedade para o aprimoramento da educação e dos processos de ensino e aprendizagem, como a Inteligência Artificial Generativa¹, que surgem com desafios a serem debatidos.

Na prática do trabalho como professores-tutores da Faculdade Unina, por vezes, percebeu-se que parte dos estudantes, em vez de usarem essa ferramenta digital para ampliar o repertório de pesquisa, acabam optando por utilizá-la de forma básica, por não possuir domínio da nova ferramenta. Assim, transferem a responsabilidade de autoria para a IA, sem os devidos créditos, fazendo o uso do famoso copia e cola.

A não identificação do uso da IA na produção do trabalho, como alusivo a plágio, que se caracteriza como uma cópia fiel completa ou parcial de um material de autoria de terceiros, é um problema encontrado em diversos dos cursos de graduação, principalmente nas licenciaturas.

Universidades têm levantado preocupações morais e éticas quanto ao uso de tecnologias que abrangem a IA generativa, além disso surgem preocupações outras, como desigualdades, plágio, falta de senso crítico, entraves criativos e atrofias epistêmicas (Rodrigues; Rodrigues, 2023, p. 8).

A imitação, cópia e/ou plágio, além de não creditar seus devidos autores, prejudica o desenvolvimento intelectual dos estudantes,

¹ IA: Ramificação da tecnologia capaz de criar conteúdos de diferentes gêneros: musicais, textual, visual, entre outros.

quanto à limitação de suas próprias conclusões, construções e entendimento. Esse é um dos pontos que exigem reflexão: quais são os limites da produção de terceiros na construção de trabalhos acadêmicos? Sem o fomento do desenvolvimento do senso crítico, não é possível formar um profissional que não seja mero reprodutor de técnicas e métodos.

Alguns sites e programas já disponibilizam a execução integral de algumas tarefas, como, por exemplo: escrever artigos, notícias e redações, ou até criar códigos inteiros de programação, imitando criações humanas. No caso, o usuário apenas digita uma pergunta ou o que deseja criar e, em segundos, obtém o seu pedido pronto, sem maiores esforços.

Um dos pontos deste debate é a questão dos direitos autorais e a produção de trabalhos em segundos, e principalmente quais são os limites éticos, estéticos e políticos que devem tangenciar a constituição de produções acadêmicas, que utilizam Inteligência Artificial.

Nesse sentido, “a implementação da IA na educação levanta preocupações éticas relacionadas à privacidade dos dados dos professores e alunos, ao viés algorítmico e à automação do processo educacional” (André; Azevedo; Andrade, 2023, p. 2020). Para nós, educadores do século XXI, além da preocupação de tratar a diversidade dos discentes, precisamos refletir como

incentivar e instruir o uso da tecnologia de forma eficaz e produtora de conhecimento, para a garantia da aprendizagem integral e eficiente para os futuros profissionais que formamos.

Aline Pereira da Silva

Especialista em Educação Ambiental e Sustentabilidade (Uninter). Professora da Faculdade Unina.

Julio Corcino Rodrigues Mota Junior

Mestre em Educação (UFPR). Professor da Faculdade Unina.

REFERÊNCIAS:

ANDRÉ, Cláudio F.; DE AZEVEDO, Adriana Barroso; ANDRADE, Fabíola. Inclusão digital e inteligência artificial na educação: avanços, desafios e oportunidades para alunos e professores da Educação Básica à Educação Superior. **Educação & Linguagem**, v. 26, n. 1, p. 211-236, 2023. Disponível em <<https://revistas.metodista.br/index.php/educacaolinguagem/article/view/591>>. Acesso em 27, ago. 2025.

JÚNIOR, João Fernando Costa et al. A inteligência artificial como ferramenta de apoio no ensino superior. **Rebena-Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, v. 6, p. 246-269, 2023. Disponível em <<https://rebena.emnuvens.com.br/revista/article/view/111>>. Acesso em 27, ago. 2025.

RODRIGUES, Olira Saraiva; RODRIGUES, Karoline Santos. **A inteligência artificial na educação: os desafios do ChatGPT**. Texto Livre, v. 16, p. e45997, 2023. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/1983-3652.2023.45997>>. Acesso em 27, ago. 2025.

PARREIRA, Artur; LEHMANN, Lúcia; OLIVEIRA, Mariana. **O desafio das tecnologias de inteligência artificial na Educação: percepção e avaliação dos professores**. Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação, v. 29, p. 975-999, 2021. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0104-40362020002803115>> Acesso em 27, ago. 2025.

ZUCCO, Fabrícia Durieux et al. **Inteligência artificial na educação superior: práticas na pesquisa, no ensino e na extensão universitária**. Observatório de la Economía Latinoamericana, v. 21, n. 12, p. 23955-23971, 2023. Disponível em <<https://doi.org/10.55905/oelv21n12-028>> Acesso em 27, ago. 2025.



A Formação Humana e o Papel da Educação na Era Digital

A formação humana integral nos conduz à reflexão acerca das múltiplas possibilidades de educar e de constituir comunidades, sociedades e civilizações, todas elas entrelaçadas por vínculos interpessoais e coletivos. Em sua dimensão mais abrangente, a educação contempla o sentimento de pertencimento, e a participação consiste em ter sujeitos na construção do mundo, de maneira simultaneamente plena e singular.

No contexto atual, em que somos continuamente convidados à escuta atenta, torna-se essencial reconhecer a maneira como influenciamos e somos impactados por nossa condição humana, marcada

por fragilidades e potenciais. Faz-se, pois, necessário cultivar um olhar e uma escuta amorosa diante da educação e daqueles que dela se nutrem, especialmente frente aos novos desafios, inquietações e horizontes de transformação que se impõem.

Vale ressaltar que uma das mais evidentes constatações da atualidade reside no acelerado progresso das tecnologias de comunicação social. Em pouco mais de um século, a humanidade passou a dispor de recursos capazes de transmitir, preservar e reproduzir sons e imagens por múltiplas vias, superando as limitações impostas pelo tempo e pelo espaço. Com isso, consolidou-se

uma comunidade global apta a acompanhar, em tempo real, os acontecimentos que marcam nossa história.

Esses instrumentos, como bem afirmou Paulo VI (1971, n.p.), constituem-se “fatores de proximidade e de comunhão”. Desde o surgimento do telefone e do rádio, passando pelo cinema, televisão, computador e internet, até as tecnologias de transmissão por cabo, satélite, fax e telefonia celular, testemunha-se uma trajetória de progresso sem precedentes. Nos tempos atuais, destaca-se, de modo especial, a Inteligência Artificial (IA), cuja presença tem transformado profundamente as formas de interação humana, a análise de dados, a produção de conhecimento e a tomada de decisões, inaugurando uma nova fase no panorama comunicacional e educacional.

Conforme observa Corazza (2019, p. 69), “o reconhecimento das mudanças rápidas e esta abertura aos novos desenvolvimentos mostraram-se exatos nos anos seguintes, porque os ritmos da mudança e do desenvolvimento foram se acelerando ainda mais”. Cada dia revela-se como uma concretização daquilo que, há poucos anos, era apenas uma visão futurista. Jamais a humanidade teve acesso a tamanha quantidade de informações como na atualidade, possibilitada pelos avanços da IA, a qual abriu novos horizontes para a pesquisa e para as descobertas científicas.

Contudo, esse progresso levanta inquietações

legítimas quanto às suas implicações sobre a relação da humanidade com a verdade. Apesar da ampla disponibilidade de dados, esta não se confunde com a verdadeira inteligência, a qual, como bem afirma o Papa Leão XIV (2025, n.p.), “não deve evitar as questões profundas que o rápido progresso da IA coloca, em prol de um desenvolvimento verdadeiramente justo e humano”. O pontífice adverte, ainda, que “a tecnologia é, antes de tudo, um instrumento que, por definição, se refere à inteligência, a humana, da qual se origina e cuja força ética depende das intenções de quem a utiliza” (n.p.). Nessa linha, o Papa enfatiza a urgência de se “iniciar reflexões sérias e de se manter debates contínuos sobre a dimensão ética do desenvolvimento tecnológico, sem transcurar a necessidade de uma governança responsável” (n.p.).

Diante das transformações contemporâneas e da expansão dos meios de comunicação, torna-se essencial que todos tenham consciência do seu uso ético e responsável, sendo que, para o “reto uso destes meios, é absolutamente necessário que todos os que se servem deles conheçam as normas da moral a este respeito e as sigam fielmente” (Paulo VI, 1997, p. 89).

Nessa perspectiva, a educação voltada à formação integral assume papel central, ao reconhecer a multiplicidade das realidades sociais, culturais e econômicas nas quais cada pessoa está inserida e deve desenvolver

uma postura crítica diante de sua própria existência. Por isso, é imperativo que os modelos educativos sejam revisados, superando a racionalidade meramente técnico-utilitária e abraçando uma concepção mais humanizadora.

Em síntese, educar é um ato profundamente complexo, que requer não apenas conhecimento, mas também sensibilidade para compreender o lugar do sujeito na sociedade. Somente assim será possível

formar indivíduos comprometidos com a construção de uma nova cultura do acolhimento, pautada na solidariedade, no respeito mútuo e na promoção da dignidade humana.

Deise Regina Badotti Bastos

Doutoranda em Teologia pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUCPR. Professora Titular do Curso de Teologia da Faculdade Unina.

REFERÊNCIAS:

CORAZZA, Helena. **Os papas da comunicação: estudo sobre as mensagens do Dia Mundial das Comunicações**. Helena Corazza, Joana T. Puntel. – São Paulo: Paulinas, 2019. – (Coleção pastoral da comunicação: teoria e prática. Série comunicação e cultura).

LEÃO XIV, Papa. **Inteligência Artificial, Ética e Governança Corporativa**. – Mensagem aos participantes na 2ª conferência anual de Roma, Itália, 19-20 de junho de 2025. – Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/messages/pont-messages/2025/documents/20250617-messaggio-ia.html> - acesso em 14 jul 2025.

PAULO VI, Papa. **Communio et Progressio**. – 1971. – Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_23051971_communio_po.html - acesso em 13 jul 2025.

PAULO VI, Papa. **Inter Mirifica**. São Paulo: Paulus, 1997. (Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II, 1962-1965).



Inteligência Artificial: Uma Ferramenta de Apoio às Pessoas ou ao Capitalismo?

Na contemporaneidade, muito se discute sobre o avanço de tecnologias digitais e como elas impactam a sociedade. É fato que as tecnologias proporcionam às pessoas acesso ao conhecimento, à cultura e a lugares que muitas delas não poderiam acessar fisicamente.

Nesse sentido, conforme Kenski (2003, p. 21), “O homem transita culturalmente mediado pelas tecnologias que lhe são contemporâneas. Elas transformam suas maneiras de pensar, sentir, agir. Mudam também suas formas de se comunicar e de adquirir conhecimentos”. Dessa forma,

essas tecnologias incidem negativa ou positivamente na sociedade, a depender do ponto de vista.

Uma das pautas em ascensão atualmente diz respeito à Inteligência Artificial, que tem provocado reflexões complexas, principalmente no âmbito educacional, demandando análises críticas acerca de seus impactos e limites. Mais precisamente no ensino superior, fica mais evidente a necessidade de se discutir sobre a IA. Essas discussões adquirem maior relevância quando nos voltamos para o ensino-aprendizagem na Educação a Distância (EaD), onde nos deparamos com diversas realidades. A maioria desses estudantes da EaD apresentam algumas características em comum: são adultos, têm família constituída, trabalham muito, sustentam a casa e não têm muito tempo para se dedicar ao estudo, como relatam em atividades do Programa de Letramento Acadêmico da Unina (Prolac). É também na EaD onde se observa o uso desenfreado de Inteligência Artificial em atividades e textos.

A ideia vendida de que a IA surge como um estímulo à autonomia, pois suas ferramentas podem servir como um suporte para pesquisas e desenvolvimento do conhecimento vai “por água abaixo” quando se pensa em capitalismo. Além de atrapalhar no desenvolvimento do conhecimento, reduzindo o pensamento crítico-reflexivo e limitando a autonomia intelectual do

estudante, ela contribui para fortalecer o consumo.

Para se produzir um texto, uma pessoa precisa de tempo para leitura, de reflexão crítica e de tempo para escrever, tempo esse que muitos estudantes de EaD não têm. Karl Marx fala muito em seu livro *O Capital* sobre tempo e consumo, criticando o sistema capitalista e definindo o tempo como uma forma de capital, sendo a vida humana, ou trabalho, a fonte do valor. É, por isso, que a pessoa que se dedica a essas atividades citadas acima não está contribuindo para o consumo.

O foco do capitalismo contemporâneo, especialmente na fase digital e globalizada, tem sido transformar a vida humana em uma lógica contínua de atividade, consumo e conectividade ininterrupta, e o uso frequente da Inteligência Artificial fortalece essa ideia, pois o estudante digita um tema na IA Gerativa e, em questão de segundos, tem um texto pronto, sem muito esforço e sem criticidade. Essas ações tornam-se uma forma de eliminar a alteridade do ser humano, reduzindo-o a consumidor, por isso, tanto desenvolvimento dessa nova tecnologia. Vende-se a ideia de que não faz mais sentido ligar o tempo dedicado a ler e escrever ao progresso e desenvolvimento.

Conforme Crary (2016, p. 19),

A novidade está na renúncia absoluta à pretensão de que o tempo possa estar acoplado a quaisquer tarefas de longo

prazo, inclusive fantasias de “progresso” ou desenvolvimento. Um mundo sem sombras, iluminado 24/7, é a miragem capitalista final da pós-história do exorcismo da alteridade, que é o motor de toda mudança histórica.

No mundo capitalista em que vivemos, nada é por acaso. Não é à toa que tantos empresários estão investindo no desenvolvimento da Inteligência Artificial. E essa inovação tecnológica nos convida a refletir sobre o seu consumo excessivo. Será que ela está realmente a serviço da emancipação humana, como se defende na

educação, ou está a serviço da consolidação de um regime ininterrupto de exploração? O estudante que a consome está aprendendo mais ou está fortalecendo esse projeto do capitalismo?

Carla Emanuelle Sanches

Especialista em Educação a Distância com Ênfase em Formação de Tutores, Literatura Brasileira, Docência do Ensino Superior e em Literatura e Intermídias. Professora do Curso Letras Português e do Programa de Letramento Acadêmico (Prolac) da Faculdade Unina.

REFERÊNCIAS:

CRARY, Jonathan. **24/7 Capitalismo Tardio e Os Fins do Sono**. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância: Práticas Pedagógicas**. São Paulo: Papirus, 2003.



Inteligência Artificial no Processo de Ensino-Aprendizagem no Ensino Superior: Reflexões Docentes

A utilização da inteligência artificial (IA) na educação passou por um processo de aceleração ocasionada pela pandemia de covid-19 no ano de 2020, que obrigou

universidades a buscarem por soluções digitais para atender às demandas do ensino a distância. Inicialmente, essa tecnologia passou a ser usada para o desenvolvimento,

revisão e estruturação de textos, contribuindo para eficiência nos processos acadêmicos (Pereira et al., 2025).

Independentemente das vantagens que a IA pode trazer para o mundo acadêmico, ela deve ser utilizada como recurso complementar, e não como substituto da capacidade do pensamento crítico humano. É essencial que pesquisadores e professores façam uso consciente dessa ferramenta, sempre analisando criticamente os resultados, considerando as limitações metodológicas e contextuais (Costa et al., 2024).

Não podemos esquecer que, para incorporar a IA no ensino, é necessária a capacitação contínua dos docentes, levando em consideração os aspectos éticos e inclusivos. O desafio de aprimoramento dos conhecimentos talvez seja o maior deles, por ter um número relevante de profissionais na área da educação que não se adequou a esta nova realidade (Costa et al., 2024).

Em contrapartida, essas tecnologias estão redefinindo a educação e quebrando paradigmas, com a utilização em vários segmentos dentro do contexto educacional, como laboratórios virtuais e ferramentas pedagógicas. Assim como os docentes, os discentes também têm se beneficiado desses recursos disponibilizados pela IA, o que tem aumentado significativamente o plágio acadêmico e conseqüentemente o trabalho para sua identificação (Durso, 2024).

Ferramentas tecnológicas capazes de

solucionar tarefas que são complexas para os discentes, como elaboração de textos e revisão de literatura, levantam a discussão sobre quais competências continuarão sendo desenvolvidas nesse novo cenário. Embora essas tecnologias apresentem limitações, sua contribuição para o processo formativo deve ser levado em consideração por todos os profissionais na área da educação, e ignorar a sua utilização pode ser um retrocesso para a educação (Durso, 2024).

A presença da IA no ambiente acadêmico exige que todos os setores envolvidos desenvolvam mecanismos e abordagens que trabalhem a compreensão ética, os direitos autorais e a desinformação. Portanto, é essencial que instituições, educadores e pesquisadores assumam o papel de protagonistas na análise do cenário, visando a mudanças e alterações que sejam necessárias, trabalhando em conjunto com áreas técnicas de desenvolvimento dessas tecnologias (Conceição et al., 2025).

A responsabilidade do processo de ensino-aprendizagem com relação à IA é maior para os profissionais da Educação, que são os principais agentes para garantir um ensino de qualidade e uma formação mais crítica e reflexiva, alinhada com os desafios contemporâneos. Portanto, esse é um dos maiores desafios da educação neste século, e os grandes desafios precisam ser enfrentados de forma conjunta, se aprofundando, acompanhando, desenvolvendo, analisando

e discutindo as possibilidades em benefício de uma educação de qualidade (Andrade, 2024).

Alex Inácio Nunes

Mestre em Atividade Física e Saúde (UTFPR).
Professor do curso de Educação Física da Unina.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Davi Lazer Grave Teixeira. **Percepção e análise dos professores sobre estratégias e recursos de IA na educação superior**. [Dissertação(Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura)]. Makenzi, 2024. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/items/ad58e4f3-c1ac-4655-b0c4-8531be3eacbo>. Acesso em: 25 ago. 2025.

COSTA, M. F. B. et al. Desafios e Oportunidades da Inteligência Artificial no Ensino Superior: percepção dos docentes no ambiente universitário. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 30, 2025.

DURSO, Samuel de Oliveira. Reflexões sobre a aplicação da Inteligência Artificial da educação e seus impactos para a atuação docente. **Educação em Revista**, v. 40, 1 jan. 2024.

CONCEIÇÃO, M. H. et al. **UnB Notícias - Volta às aulas com IA: como a inteligência artificial está transformando a Educação Superior**. Disponível em: <https://noticias.unb.br/artigos-main/7910-volta-as-aulas-com-ia-como-a-inteligencia-artificial-esta-transformando-a-educacao-superior>. Acesso em: 22 ago. 2025.

PEREIRA, E. et al. Inteligência Artificial na Educação Superior: Uma revisão integrativa. **Journal of Media Critiques**, v. 11, n. 27, p. e235-e235, 14 abr. 2025.



Uma Breve Introdução do Corpo Discente à Nova Realidade Tecnológica

A partir do segundo semestre de 2023, notou-se maior adesão à inteligência artificial (IA) na produção de textos escritos. Como nova tecnologia, deve ser utilizada de forma livre e espontânea, mesmo porque avanços tecnológicos não retroagem e são criados para facilitar o desenvolvimento de trabalhos, rotinas e conhecimentos gerais, mas, na pesquisa acadêmica, merece cautela.

Atualmente, ao digitar palavras-chave ou realizar perguntas diretas em sites de busca como o google, por primeiro, aparece um informativo nominado “Visão geral criada por IA”, contendo uma descrição como resposta e, muitas vezes, de modo detalhado, a sua aplicação, além de indicar a fonte primária de onde a IA extraiu os

dados. Abaixo dessas informações, um conceito do Wikipédia¹ e algumas perguntas gerais criadas pela própria internet ou a indicação de outros temas pesquisados que estão correlacionados. Depois de todas essas informações, é que constam materiais sobre o tema, publicados nas mais diversas plataformas da internet.

Como fonte de pesquisa rápida ou mesmo tira-dúvidas sobre questões pontuais, a internet apresenta elevado grau de aprimoramento. Eis uma ferramenta

¹ O wikipédia é um conteúdo livre, onde qualquer usuário pode lançar informações e alterá-las. Essa plataforma acredita na boa-fé das pessoas que produzem seu conteúdo. Para fins acadêmicos, não é reconhecida como fonte de pesquisa confiável.

fantástica a ser explorada nas aulas expositivas. À medida que o professor expõe o conteúdo em aula, podem surgir dúvidas e a rapidez na resposta da IA ajuda no aprendizado.

Pelo fluxo normal do aprendizado, primeiro assistir às aulas e fazer a leitura do livro de estudos, para absorver conhecimento técnico-teórico que possibilite a escrita científica. Depois, escrever um texto acadêmico mesclando teoria e prática. O problema está no uso equivocado da IA em pesquisa para produção de textos acadêmicos, pautado em palavras ou frases dos sites de busca ou no ChatGPT.

Ao corpo docente é fácil diferenciar o conteúdo produzido por IA da escrita própria do estudante, além de dispor de ferramentas tecnológicas que diferenciam as escritas. Entretanto, preocupados com essa nova realidade, tanto na produção acadêmica como na atuação profissional dos egressos, por intermédio do Núcleo de Incentivo à Pesquisa e Inovação da Faculdade Unina², foram ministradas, nas duas primeiras edições da Semana de Tecnologia, Sociedade e Negócios, palestras sobre o uso da IA.

Na primeira edição³, o Professor Mestre Eduardo A. Franciscon (28.11.2023)

² Disponível em: <https://unina.edu.br/nipi/semana-de-tecnologia-sociedade-e-negocios/>

³ Segundo palestrante, a partir de 48 minutos da transmissão do evento.

ministrou a palestra “no sentido de ambientar”, ou seja, “como está a IA hoje”. Trouxe o histórico, conceitos-chave, tarefas realizadas pela IA, a ética no uso e, com maior ênfase, questões voltadas ao mercado de trabalho, benefícios e cautelas.

A segunda edição (agosto/2024) foi totalmente voltada ao tema. No 1º dia do evento, o Prof. Doutor Ricardo Limongi França Coelho relatou ser necessário o “letramento” para o uso dessa ferramenta para reconhecer, compreender, usar e avaliar de forma crítica. Deu importância aos conhecimentos subjetivos na construção do saber.

No 2º dia do evento, o Prof. Marcelo Milko, ao falar da correlação entre IA e gestão pública, abordou a parte operacional na rotina de trabalho em diversas áreas públicas, além da interconectividade entre as áreas do conhecimentos e como implementar essa ferramenta. Destacou a aplicação da IA na gestão pública em municípios de pequeno porte, a assimilação de conteúdos acadêmicos, bem como a importância da pergunta correta com foco no pensamento crítico, reflexivo e criatividade.

No 3º dia, a Prof^a Me. Luciane Franco converteu para finanças, mundo digital e gestão corporativa. Descreveu perfis na dinâmica do mercado (empregado, empresário, autônomo, investidor), diferença entre soft skills X hard skills, sobretudo na tomada de decisão, comparando modelos

para uma comunicação eficaz, pensamento crítico e adaptação. Falou sobre conhecimento teórico, atualização, habilidades técnicas e pessoais, e atitude criativa e inovadora. Explicou a dinâmica de como o ChatGPT apresenta respostas, o conhecimento teórico para explorar essa ferramenta e o seu uso em caráter secundário, no desenvolvimento da escrita.

No 4º dia, o Prof. Humberto Campos narrou sobre evolução da tecnologia e o natural aprendizado educacional, correlacionando com a IA. Com precisão e técnica, trouxe o desenvolvimento, o treinamento e a

especialização no uso da tecnologia.

Em suma, essa tecnologia mostra uma mudança de realidade e as palestras voltadas ao tema servem para constatar tendências profissionais e estudantis, além de abordar, mesmo que de forma implícita, os preceitos éticos ao bom uso da ferramenta.

Erenê Oton França de Lacerda Filho

Mestre em Desenvolvimento Territorial Sustentável (UFPR). Professor regente na graduação de Tecnologia em Segurança Pública da Faculdade Unina.

REFERÊNCIAS:

I SEMANA DE TECNOLOGIA, SOCIEDADE E NEGÓCIOS - 28/11. Palestra apresentada por Eduardo A. Franciscon. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y9XQTf-eToM>
Acesso em 24 ago. 2025.

II SEMANA DE TECNOLOGIA, SOCIEDADE E NEGÓCIOS - 26/08. I Amanhã: Revolução da Carreira Hoje. Palestra apresentada por Ricardo Limonge França Coelho. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v3o4LEslyhY>
Acesso em 24 ago. 2025.

II SEMANA DE TECNOLOGIA, SOCIEDADE E NEGÓCIOS - 27/08. O Uso da Inteligência Artificial na Gestão Pública. Palestra apresentada por Marcelo Milko. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=foDeqe79usc>
Acesso em 24 ago. 2025.

II SEMANA DE TECNOLOGIA, SOCIEDADE E NEGÓCIOS - 28/08. Finanças no mundo digital. Palestra apresentada por Luciane Silva Franco. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6qyQF8ewj38>
Acesso em 24 ago. 2025.

II SEMANA DE TECNOLOGIA, SOCIEDADE E NEGÓCIOS - 29/08. Horizontes da Inteligência Artificial: Inovação e Futuro. Palestra apresentada por Humberto Campos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oDUUILxSFog>
Acesso em 24 ago. 2025.



Transformação no Ensino Superior com Inteligência Artificial

O rápido avanço da Inteligência Artificial (IA) está transformando vários setores, e, no Ensino Superior, não é diferente. Wang, Wang, Zhu, Wang, Tran e Zhao (2024) argumentam que os algoritmos de IA e robôs educacionais são agora parte integrante dos sistemas de gerenciamento e treinamento, fornecendo suporte de forma ampla em diferentes atividades de ensino e aprendizagem.

Assim, algumas aplicações de IA na educação surgiram, por exemplo: a marca Duolingo, uma plataforma de aprendizagem de idiomas, usa sistemas sofisticados de IA para melhorar as experiências do aluno. O Google transformou o Gemini em um sistema escolar de IA, no qual cada aluno terá um especialista, como um tutor personalizado, capaz de criar explicações visuais, resumos, questionários e até videoaulas (Google, 2025). A OpenEnglish utiliza a IA em reconhecimento de voz para avaliar a pronúncia, identificando erros

sutis na fala e oferecendo feedbacks em tempo real, permitindo que o aluno corrija e melhore continuamente.

Tudo isso gera uma discussão na educação, o que não foi diferente no passado, quando recursos tecnológicos como calculadoras e dicionários ascenderam debates do quanto impactariam nas habilidades e competências dos alunos. Hoje, entretanto, reconhece-se que tais ferramentas ampliam as possibilidades de ensino, podendo potencializar a formação no ensino, e não comprometer a integridade do aprendizado (Kloeckmer; Giordani; John; Lopes, 2023). Porém, com a preocupação em relação à forma como os alunos irão utilizar a IA para concluir tarefas, o que pode levar a uma violação direta da integridade acadêmica, ou seja, até a forma ética é um dos desafios.

Os autores Vieriu e Petrea (2025), em seu estudo, colaboram com o tema ao afirmar que, para garantir a integração efetiva da IA, recomenda-se o seguinte: a) Treinamento

abrangente: as instituições devem implementar programas de treinamento para educadores e alunos, a fim de promover uma compreensão completa das ferramentas de IA e seu uso adequado; b) Diretrizes claras e protocolos de validação: estabelecer padrões robustos para implantação de IA, que incluam a validação regular de informações geradas por IA e diretrizes claras para evitar dependência excessiva de tecnologia; e, c) Considerações éticas e de privacidade: desenvolver e aplicar políticas para proteger os dados dos alunos e mitigar possíveis vieses nos sistemas de IA.

Nos cursos de Gestão Comercial na Faculdade Unina, uma possível aplicação prática da IA seria a implementação de modelos de previsão de venda e análise de estoques.

Já, nos cursos de Marketing, é possível utilizar simulação de campanhas com base em clusters gerados por algoritmos de segmentação para definir públicos distintos, por exemplo.

Assim, ferramentas de aprendizagem baseadas em IA apresentam um enorme potencial para o Ensino Superior, podendo otimizar significativamente o processo de ensino e aprendizagem, oferecendo aos alunos experiências educacionais personalizadas e significativas.

Jacqueline Laurindo da Silva

Mestre em Administração, na linha de marketing e comportamento do consumidor (Universidade Federal do Paraná – UFPR). Coordenadora dos cursos de Marketing e Gestão Comercial da Unina.

REFERÊNCIAS:

GOOGLE. Gemini for education. Disponível em: <https://edu.google.com/ai/gemini-for-education/>. Acesso em 07 Jul. 2025.

KLOECKNER, F.L.; GIORDANI, E.M.; JOHN, L.H.; LOPES, T.V. Inteligência Artificial nos processos de ensino-aprendizagem no ensino superior: Uma revisão narrativa. *Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales*, 16(9), 15533-15550, 2023. DOI: <https://doi.org/10.55905/revconv.16n.9-104>. Acesso em 25 Jul. 2025.

VIERIU, A.M.; PETREA, G. The Impact of Artificial Intelligence (AI) on Students Academic Development. *Journals Education Sciences*, 15(3), 343, 2025. DOI: <https://doi.org/10.3390/educsci15030343>. Acesso em 25 Jul. 2025.

WANG, S.; WANG, F.; ZHU, Z.; WANG, J.; TRAN, T.; ZHAO, D. Artificial Intelligence in Education: A Systematic Literature Review. *Expert Systems With Applications*, 252, 124167, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.eswa.2024.124167>. Acesso em 25 Jul. 2025.



Entre o Potencial e o Desafio: Perspectivas Docentes Sobre a Integração da Inteligência Artificial no Ensino Superior

A incorporação da inteligência artificial (IA) no Ensino Superior recoloca, sob nova luz, debates clássicos sobre mediação pedagógica, avaliação e desenvolvimento de competências. Do ponto de vista docente, as aplicações dessas inteligências

ampliam possibilidades de personalização, monitoramento formativo e automação de rotinas, mas também fazem o desenho curricular e as práticas avaliativas. De acordo com Durso et al. (2025), esse cenário tem sido simultaneamente promissor e

desafiador, exigindo reposicionamento do professor frente à tecnologia, em especial quanto a autonomia discente, ética e autoria.

Evidências empíricas com docentes de universidades brasileiras indicam um quadro em que se reconhece a utilidade da IA para planejamento de aulas, apoio a estudantes, ao mesmo tempo em que surgem preocupações com capacitação e regulação de usos pedagógicos. No estudo de Costa et al. (2025), professores relatam que os principais desafios levantados foram o risco de plágio, a dependência das ferramentas e a falta de reflexão crítica.

Já Aruda (2024) argumentou que, no plano do trabalho docente, a IA reconfigura tarefas, deslocando tempo antes dedicado a atividades repetitivas para funções de mentoria, curadoria e avaliação qualitativa. Essa transformação demanda novas competências profissionais do professor, como letramento em IA, avaliação processual e revisão de políticas internas sobre uso de assistentes de IA por estudantes.

Em relação ao currículo, a literatura brasileira recente propõe que cursos de graduação incorporem, de forma transversal, debates sobre letramento algorítmico e transparência. Para Lima et al. (2024), existe uma urgência de situar a IA como ferramenta instrumental e objeto de estudo crítico, articulada a implicações sociais e cognitivas. Essa abordagem favorece decisões pedagógicas contextualizadas e

alinhadas ao perfil formativo de cada área.

Sichman (2021) abordou que há um eixo de preocupação ético-política alertando para riscos de falta de transparência, reforço de desigualdades e dependência tecnológica, argumentando que a integração responsável da IA passa por diretrizes institucionais claras, comitês de ética e governança de dados educacionais. Para o professor, isso se traduz em práticas de consentimento informado, critérios explícitos de uso de IA em atividades, e estratégias de avaliação que combinem produção autoral, oralizações, portfólios e rubricas que valorizem processos (Rodrigues et al., 2023).

Como síntese, as reflexões docentes convergem para quatro frentes na integração da inteligência artificial ao Ensino Superior: a necessidade de formação continuada do professorado para o desenvolvimento de propostas pedagógicas alinhadas ao uso; a definição de políticas institucionais claras para a utilização da tecnologia pelos estudantes, comunicadas de forma transparente nos planos de ensino; a adoção de práticas avaliativas centradas no processo, valorizando competências cognitivas, socioemocionais e profissionais; e o fortalecimento da infraestrutura e da governança de dados institucionais, fazendo com que haja mais equidade de acesso.

Diante disso, entende-se que o debate não deve se restringir a “usar ou não usar IA”, mas concentrar-se nas questões “como, quando

e para que” empregar essas ferramentas de modo a, efetivamente, qualificar o processo de ensino-aprendizagem no contexto do Ensino Superior.

Gustavo Silva Oliveira

Doutor em Economia Florestal (UFPR).
Coordenador e Professor dos cursos de Gestão do
Agronegócio e Gestão de Cooperativas da Unina.

REFERÊNCIAS:

ARRUDA, E.; P. Inteligência artificial generativa no contexto da transformação do trabalho docente. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 40, e48078, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/WMcSGNHJbgMKzh3WgTh4MSb/?lang=pt>
Acesso em: 27 ago. 2025.

COSTA, M. F. B.; TINOCO, G. O.; CORRÊA, N. S. F.; BOTELHO, P. C.; FONTAINHA, T. C. Desafios e oportunidades da inteligência artificial no ensino superior: percepções dos docentes no ambiente universitário. *Avaliação (Campinas)*, v. 30, e025003, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/VnbxBKktkBRXHPHrq9pBddt/>. Acesso em: 11 ago. 2025.

DURSO, S. de O. Reflexões sobre a aplicação da inteligência artificial na educação e seus impactos para a atuação docente. *Educação em Revista*, v. 40, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/3mh8D6366By9w9THfF8bThQ>. Acesso em: 11 ago. 2025.

LIMA, G. D. M.; FERREIRA, G. M. S.; CARVALHO, J. S. Automação na educação: caminhos da discussão sobre a inteligência artificial. *Educação e Pesquisa*, v. 50, e273857, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/shvVwknwN6c6YYVNdwcZKZv/>. Acesso em: 11 ago. 2025.

RODRIGUES, O. S.; RODRIGUES, K. S. A inteligência artificial na educação: os desafios do ChatGPT. *Texto Livre: Linguagem e Tecnologia*, v. 16, e45997, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tl/a/rxWn7YQbndZMYs9fpkxbVXv/>. Acesso em: 11 ago. 2025.

SICHMAN, J. S. Inteligência Artificial e sociedade: avanços e riscos. *Estudos Avançados*, v. 35, n. 101, p. 37-50, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/c4sqqrthGMS3ngdBhGwtKhh/>. Acesso em: 11 ago. 2025.



Entre a Eficiência e o Risco: O Impacto da Inteligência Artificial no Processo de Avaliação por Pares de Artigos Científicos

A utilização de tecnologias baseadas em inteligência artificial (IA) no campo editorial acadêmico não é um fenômeno novo, mas sua incorporação nos processos de avaliação por pares ganhou impulso a partir de 2020, com o avanço de modelos generativos de linguagem natural e sistemas de apoio à decisão. No entanto, a incorporação da IA ao processo de peer review não ocorre sem

resistências e desafios éticos, técnicos e epistemológicos.

Chauhan e Currie (2024) alertam que, sem transparência e auditabilidade dos algoritmos, revisores, editores e autores permanecem sem clareza sobre os critérios de rejeição ou priorização de artigos. Esse cenário cria um ambiente propício para a

naturalização de decisões automatizadas, sem possibilidade de contestação ou revisão crítica. Ademais, há preocupação quanto ao efeito da IA na precarização do trabalho científico.

Como ressalta Limongi (2024), ao delegar tarefas qualificadas de análise acadêmica a sistemas automatizados, corre-se o risco de reduzir a formação crítica e ética de pesquisadores e revisores, além de transformar a atividade avaliativa em mera validação de pareceres gerados por algoritmos. Tal dinâmica comprometeria a integridade do processo científico, que depende da pluralidade de interpretações e da interação dialógica entre pares.

A incorporação da inteligência artificial carrega riscos significativos que vão muito além da sobrecarga de revisores ou da detecção de plágio. Os benefícios operacionais e de eficiência não podem obscurecer os desafios éticos, epistemológicos e institucionais envolvidos. A possibilidade de vieses algorítmicos, a opacidade dos critérios automatizados e o efeito conservador na seleção de artigos ameaçam a diversidade científica e a integridade do processo editorial.

O futuro do peer review deve privilegiar a centralidade humana no julgamento científico, utilizando a IA apenas como ferramenta auxiliar, sob rigorosa supervisão e com total transparência sobre seus critérios e limitações. De acordo com Rocha (2023),

as instituições acadêmicas e editoras devem fixar normas éticas claras e estimular o debate aberto sobre os limites permissíveis da automatização na ciência para que o peer review cumpra seu papel histórico de garantir uma qualidade e uma pluralidade do conhecimento elaborado.

Um outro lado no debate sobre o uso de inteligência artificial na avaliação é a questão ética que essa ação causa no meio acadêmico. Embora os benefícios operacionais da IA sejam inegáveis, como a triagem rápida de manuscritos e a identificação de plágio, especialistas vêm alertando para riscos que podem comprometer a integridade do processo científico. Segundo matéria recente publicada pela revista *Nature* (2025), há preocupação crescente entre editores e pesquisadores de que sistemas automatizados de revisão possam reforçar vieses preexistentes no ambiente acadêmico, além de gerar decisões opacas e questionáveis sobre a relevância de determinados artigos.

Mesmo que os algoritmos sejam capazes de produzir resumos e análises textuais de artigos científicos, ainda carecem da capacidade de realizar julgamentos de mérito científico, relevância teórica e contribuição epistemológica, elementos fundamentais para qualquer parecer acadêmico responsável (COPE, 2023). O treinamento das inteligências artificiais ocorre a partir de bases de dados que, muitas vezes, refletem desigualdades estruturais da ciência global,

favorecendo artigos provenientes de centros acadêmicos hegemônicos e marginalizando pesquisas de países periféricos ou de áreas emergentes.

Há uma necessidade de regulamentos éticos e de protocolos editoriais que exijam a revisão humana, garantindo que a decisão final sobre a publicação de artigos permaneça sob responsabilidade de especialistas qualificados. Defendo, assim, que o debate sobre o uso de IA no

peer review deve ultrapassar a lógica da eficiência operacional e priorizar a defesa da diversidade epistemológica, da transparência e da integridade ética no processo editorial acadêmico.

Luciane Silva Franco

Doutora em Administração (PUC-PR).
Coordenadora do curso de Tecnólogo em Gestão
Financeira da Unina.

REFERÊNCIAS:

CHAUHAN, C.; CURRIE. G. The Impact of Generative Artificial Intelligence on the External Review of Scientific Manuscripts and Editorial Peer Review Processes. **The American Journal of Pathology**, v. 194, n.10, p.1802-1806O, 2024.

COPE – Committee on Publication Ethics. **Ethical guidelines for peer reviewers**. 2023.

LIMONGI R. The use of artificial intelligence in scientific research with integrity and ethics. **Future Studies Research Journal**, v.16, n.1, 2024.

NATURE. **Artificial intelligence faces scrutiny in peer review**. Nature, [s.l.], 10 jul. 2025. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/d41586-025-00894-7>. Acesso em: 15 jul. 2025.

ROCHA, L. **Será preciso repensar o sistema de revisão por pares**. Acontece. São Paulo: Abecbrasil, 2023. Disponível em: <https://www.abecbrasil.org.br/2023/03/sera-preciso-repensar-o-sistema-de-revisao-por-pares/>. Acesso em: 14 de julho de 2025.



Reflexões sobre a Inteligência Artificial e o Processo de Ensino-Aprendizagem

Com o avanço da Inteligência Artificial (IA) e a criação de diversas aplicações capazes de produzir textos, imagens, vídeos etc., surgem questões em relação ao seu uso adequado e ético no processo de ensino-aprendizagem. As ferramentas de IA podem auxiliar professores e estudantes, porém é necessário pensar até onde seu uso contribui ou prejudica o processo. Para Santos et

al. (2025), à medida que as universidades ampliam o uso de tecnologias baseadas em IA para potencializar processos pedagógicos, administrativos e investigativos, surgem questionamentos sobre as implicações dessas implementações para valores educacionais constitutivos, como autonomia, equidade, diversidade e dignidade humana.

Como exemplo, é possível citar a estudante Elsie McDowell (2025), do Reino Unido, que, em 29 de junho de 2025, apresentou sua percepção sobre o uso da IA. Para ela, embora existam preocupações válidas sobre a utilização indevida da IA, os estudantes a veem como uma ferramenta aceitável para auxiliar na pesquisa e na estruturação de textos. Ela comenta como a pandemia de covid-19 interrompeu drasticamente a sua educação, com exames cancelados, notas atribuídas por professores e uma transição caótica para avaliações online. Mesmo após a pandemia, a incerteza persistiu, com universidades adotando formatos de exame inconsistentes. Essa falta de padronização e a experiência educacional fragmentada pós-covid levou muitos estudantes a sentir-se despreparados, tornando a IA uma ferramenta atraente e aparentemente necessária.

Além disso, a estudante comenta sobre a crescente precariedade financeira dos estudantes que precisam trabalhar e/ou possuem empréstimos estudantis mais onerosos, fazendo com que tenham menos tempo para se dedicarem integralmente aos estudos. Nesse cenário, a IA surge como uma ferramenta conveniente para poupar tempo (McDowell, 2025).

Considerando a opinião de McDowell (2025), é necessário pensar como os professores podem utilizar a IA de forma estruturada, e como as universidades podem definir

e padronizar os formatos de avaliações e clarificar as políticas de uso “proporcional” dessa tecnologia, reconhecendo que ela veio para ficar e que a própria experiência de ser estudante está mudando rapidamente.

Quando os professores incorporam a IA em suas metodologias, eles podem redesenhar as atividades e avaliações de modo que a simples cópia de conteúdo gerado por máquinas se torne ineficaz ou insuficiente. Isso significa ir além de perguntas de múltipla escolha ou redações expositivas genéricas. Implica propor desafios que exijam pensamento crítico, análise profunda, síntese de informações complexas de diversas fontes, criatividade na resolução de problemas e aplicação de conhecimentos a contextos específicos, habilidades essas que a IA, por si só, ainda não consegue replicar de forma autêntica.

Sendo assim, apesar do uso de ferramentas de IA estar cada dia mais presente no meio acadêmico, é necessário que instituições e professores repensem as metodologias utilizadas para que seu uso seja a favor da aprendizagem e para que, tanto professores quanto estudantes, a utilizem de modo a contribuir com o aprendizado. Que não seja apenas uma simples ferramenta para gerar e consumir conteúdos sem considerar o aspecto humano, a ética, a análise crítica.

Estudos e pesquisas sobre o tema são urgentes. Em uma reportagem para o Fantástico, da Rede Globo de Televisão,

exibida em 24/08/2025, o historiador israelense Yuval Noah Harari afirmou que: “por milênios nós inventamos tecnologias, sistema sociais e sistemas políticos que davam mais poder para a humanidade. Agora, pela primeira vez, criamos uma coisa que pode tirar esse poder de nós” (n.p.). Ou seja, é essencial discutir esse assunto dentro e fora da área educacional.

Janine Donato Spinardi

Mestre em Educação e Novas Tecnologias.
Coordenadora dos Cursos Tecnólogos em
Gestão da Tecnologia da Informação e Análise e
Desenvolvimento de Sistemas e Licenciatura em
Informática da Unina.

Tatyane Moura

Mestre em Educação. Professora do Curso de
Licenciatura em Informática da Unina.

REFERÊNCIAS:

HARARI, Yuval Noah. **Mentes Digitais**: a era da inteligência artificial. Série do Fantástico. Primeiro episódio, 24 ago. 2025. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/13126235/>> Acesso em: 25 ago. 2025.

MCDOWELL, Elise. **It’s true that my fellow students are embracing AI – but this is what the critics aren’t seeing**. The Guardian. International Edition. Jun. 2025. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2025/jun/29/students-ai-critics-chatgpt-covid-education-system?utm_campaign=%5BPT%5D+%5BNEWSLETTER%5D+%5BBROADCAST%5D+Newsletter+%2318&utm_content=%5BPT%5D+%5BNEWSLETTER%5D+%5BBROADCAST%5D+Newsletter+%2318&utm_medium=email_action&utm_source=customer.io> Acesso em: 23 ago. 2025.

SANTOS, Fernando Victor Santana dos; FLAUSINO, Igor R. A.; LOBO, Isabela Cristina Alves; LAUAND, Matheus Passos; DOMINGUES, Talles Augusto de Souza; AGUIAR, Cíntia; CAMPS, Ihosvany. **Inteligência Artificial no Ensino Superior**: transformando o aprendizado para o futuro. Alfenas: Ed. dos Autores, 2025.



Docência e Inteligência Artificial no Ensino Superior: Desafios e Possibilidades

A Inteligência Artificial (IA) possui um potencial transformador para a educação, impactando a forma como o conhecimento é produzido, compartilhado e avaliado. Essa ubiquidade demanda uma análise cuidadosa sobre como integrá-la às práticas pedagógicas sem comprometer os princípios educacionais.

Surge, então, o questionamento: de que maneira a IA pode ser incorporada de forma ética e pedagógica no Ensino Superior, garantindo a qualidade das interações e preservando o papel do professor? Essa reflexão é essencial, pois o papel docente está sendo ressignificado. Mesmo mantendo “como missão central valorizar

o protagonismo do estudante, criando as condições para que ele desenvolva sua autonomia e aprenda a aprender” (Ferferbaum, 2025), a presença da IA não diminui sua importância; pelo contrário, exige um posicionamento ético e pedagógico ainda mais consistente frente às novas tecnologias.

Autores como Knox et al. (2019, apud Freitas et al., 2025) enfatizam que a tecnologia não substitui o papel de um professor inspirador ou a interação humana na construção de uma aprendizagem colaborativa. A mediação do professor continua sendo indispensável, pois é através dela que o estudante desenvolve senso crítico, pensamento ético e a capacidade de interpretar resultados.

Embora essas ferramentas sejam especialmente promissoras, sua utilização não ocorre sem desafios. Entre as mais recorrentes estão a formação técnica para o uso adequado dessas ferramentas, os dilemas éticos, principalmente quando abordamos o tema na educação, e dependência excessiva de respostas automatizadas pelos alunos. Precisamos utilizar essas ferramentas com discernimento, portanto a ética torna-se um elemento central no debate. Fernandes et al. (2024, p. 14) destacam que,

Para assegurar um uso ético da Inteligência Artificial (IA) na educação, é essencial o desenvolvimento de políticas éticas e diretrizes que orientem educadores e instituições de ensino. Estas políticas devem abranger desde o respeito à privacidade e à

proteção de dados até a mitigação de vieses algorítmicos, promovendo um ambiente educacional justo e inclusivo. A criação de tais políticas requer uma abordagem colaborativa que envolva stakeholders de diferentes setores, incluindo educadores, administradores, desenvolvedores de tecnologia, estudantes, e especialistas em ética (Fernandes et al., 2024, p. 14).

A Unina, como instituição comprometida com a integridade acadêmica, estabelece políticas éticas e diretrizes internas tanto para os educadores quanto para os estudantes, alinhadas aos seus valores institucionais. Ademais, é importante destacar que a IA é uma aliada significativa na personalização do ensino e na promoção da inclusão educacional. Quando utilizada de forma consciente, a IA possibilita que os estudantes aprendam de maneira criativa, adaptando-se às suas realidades e necessidades, proporcionando a redução de barreiras educacionais. Holmes et al. (2019, apud Leporace, 2024) ressaltam que a IA tem o potencial de enriquecer a experiência educacional, desde que inserida em um projeto pedagógico centrado no aluno e não apenas na tecnologia.

Do ponto de vista docente, e analisando os futuros profissionais de Recursos Humanos da Unina, adotar a tecnologia e apropriar-se de suas funcionalidades nas práticas pedagógicas proporciona, de forma estratégica, o desenvolvimento de habilidades técnicas, o aprofundamento do olhar humano e ético sobre as relações e o

pensamento crítico necessário para a gestão de pessoas.

Desse modo, a integração da IA no Ensino Superior exige mais do que infraestrutura tecnológica, exige uma atitude pedagógica reflexiva e comprometida, capaz de preparar os estudantes - futuros profissionais - não apenas para utilizar as tecnologias, mas para conviver de maneira ética, crítica e responsável, especialmente em áreas como

a gestão de pessoas, onde decisões baseadas em dados devem sempre considerar a complexidade e a dignidade humana.

Evelin Cristina de Goes

Mestranda em Recursos Humanos e Gestão do Conhecimento (FUNIBER). Professora de Recursos Humanos da Unina.

REFERÊNCIAS:

FERNANDES, Allysson Barbosa et al. **A ética no uso da inteligência artificial na educação: implicações para professores e estudantes.** Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 10, n. 3, p. 346-361, 2024.

FREITAS, A. Q. de; RÊGO, L. A. do; COSTA, M. S.; MONTEIRO, C. P. S. L.; COSTA, W. D. da P. **INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS PARA O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM.** REVISTA FOCO, [S. l.], v. 18, n. 2, p. e7748, 2025. DOI: 10.54751/revistafoco.v18n2-079. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/7748>. Acesso em: 14 jul. 2025.

FERFERBAUM, Marina. Professor GPT, o desafio da educação superior. **Ensino Superior**, 2025. Disponível em: <<https://revistaensinosuperior.com.br/2025/06/03/ia-professor-gpt-o-desafio-da-educacao-superior/>>. Acesso em: 21 jul. 2025.

LEPORACE, Camila. Máquinas de ensinar analógicas: as precursoras da inteligência artificial na aprendizagem. **Comunicação & Educação**, São Paulo, Brasil, v. 29, n. 1, p. 95-109, 2024. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v29i1p95-109. Disponível em: <https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/223490..> Acesso em: 21 jul. 2025.



Transformando o Ensino Superior: A Educação 6.0 e o Papel da Inteligência Artificial

Nas últimas décadas, o debate em torno da inovação educacional ganhou um novo protagonista: a Inteligência Artificial (IA). Autores como Mello et al. (2024) defendem

que a Educação 6.0 pode ser entendida como uma abordagem inovadora, centrada no estudante, em que são observadas algumas características, como: Aprendizagem

colaborativa, que se refere aos alunos trabalharem juntos, refletindo sobre suas ações e tomando medidas para contribuir positivamente em seu contexto; Habilidades essenciais baseadas no desenvolvimento da colaboração, comunicação, criatividade, cidadania, caráter e pensamento crítico; Tecnologia e inovação com a utilização da IA; Preparação para o mundo real, em que a abordagem da Educação 6.0 visa ao preparo dos estudantes para lidar com as complexidades do mundo real, incluindo dilemas éticos, questões sociais e ambientais. Visão ecocêntrica, na qual a Educação 6.0 considera o impacto das ações humanas em todas as formas de vida e no meio ambiente.

Mello et al. (2024, p. 52) detalham sobre o conjunto de habilidades e competências essenciais da Educação 6.0, os 6 C's, da seguinte forma:

Colaboração: se refere à capacidade de trabalhar efetivamente em equipe, compartilhar ideias, ouvir os outros e resolver problemas juntos. **Comunicação:** a habilidade de expressar pensamentos e ideias de forma clara e eficaz. **Criatividade:** a capacidade de pensar de forma original, gerar novas ideias e soluções inovadoras para os desafios. **Cidadania:** a responsabilidade socioambiental positiva para a comunidade e o mundo, explorando dilemas éticos e questões sociais em sala de aula, ajudando assim a desenvolver a consciência cidadã. **Caráter:** se refere ao desenvolvimento de

valores pessoais, integridade e respeito pelos outros, envolvendo empatia, respeito e integridade. **Pensamento crítico:** capacidade de analisar informações, avaliar argumentos e tomar decisões de uma forma que seja útil ao indivíduo e ao grupo.

A aplicação da IA na educação superior vai além de um simples recurso tecnofuncional; ela incorpora uma dimensão transformadora na prática pedagógica. Em linhas gerais, tecnologias de IA podem ser utilizadas para criar mentores virtuais, favorecer o automonitoramento, realizar autoavaliações e até analisar dados de interação para ajustar os processos de aprendizagem às necessidades individuais dos estudantes. Dessa forma, a personalização do ensino emerge como uma estratégia capaz de reduzir barreiras educacionais e promover a inclusão (Nguiraze, 2023 apud Figueiredo et al., 2023). Nesse sentido, a personalização da aprendizagem está estreitamente relacionada com a habilidade de ajustar o ritmo de ensino às distintas velocidades de assimilação demonstradas pelos alunos em várias disciplinas. O autor destaca que essa variação no ritmo de aprendizado é inegavelmente uma característica intrínseca dos estudantes, e é nesse contexto que a IA assume um papel dominante.

Apesar das inúmeras vantagens, como personalização do aprendizado, análise de dados e ferramentas educacionais avançadas, são necessários alguns cuidados, como a

privacidade de dados, o viés algoritmo, a dependência tecnológica, a segurança da informação. Um dos principais desafios éticos refere-se ao risco de viés algoritmo na análise de dados educacionais. O uso crescente de IA na avaliação do desempenho dos estudantes levanta questionamentos sobre a autonomia docente e a transparência dos critérios utilizados na correção automática de provas e redações, por exemplo (Cavalcante et al., 2025).

Outro aspecto vital é a formação técnica dos educadores para utilizar essas ferramentas de maneira eficaz e ética. A transição para a Educação 6.0 requer não apenas a aquisição de dispositivos tecnológicos, mas também o desenvolvimento de uma postura pedagógica refletida e adaptativa. O professor, nesse novo cenário, passa a atuar como um facilitador, guiando o aluno na interpretação crítica dos dados gerados pelo sistema de IA, garantindo que as escolhas automatizadas sejam constantemente reavaliadas e contextualizadas.

Instituições comprometidas com a integridade acadêmica também têm buscado estabelecer diretrizes e políticas éticas que orientem tanto docentes quanto discentes. É necessário continuar com as pesquisas, explorando abordagens interdisciplinares, aprofundamentos do impacto da IA na docência, investigando como professores podem ser capacitados para integrar essas tecnologias em suas práticas

pedagógicas de maneira crítica e reflexiva. A implementação da IA nas Universidades deve ser acompanhada por regulamentações, diretrizes éticas que garantam equidade, transparência e segurança na aplicação dessas tecnologias (Cavalcante et al., 2025).

Outro ponto importante de discussão diz respeito à dependência excessiva dos alunos por respostas automatizadas. Quando a ferramenta tecnológica substitui a reflexão e a resolução de problemas de forma autônoma, o risco é a perda da capacidade analítica e a diminuição do engajamento cognitivo. Portanto, é essencial que a introdução da IA seja acompanhada de uma preocupação pedagógica que incentive a criatividade e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais imprescindíveis para a formação integral dos futuros profissionais.

A Educação 6.0, impulsionada pelo uso consciente e ético da Inteligência Artificial, possui um potencial transformador para o Ensino Superior. Ao proporcionar uma aprendizagem personalizada e promover competências do século XXI, a IA se apresenta como uma aliada indispensável na construção de um ambiente educacional dinâmico e inclusivo. Contudo, a efetivação desse modelo depende de uma abordagem colaborativa que envolva todos os atores do sistema educacional – desde os formuladores de políticas até os educadores e estudantes. O desafio maior reside em equilibrar o poder das inovações tecnológicas com a preservação

dos valores éticos e profissionais, que são o alicerce da verdadeira educação.

Monika Fritz

Mestre em Tecnologia. Coordenadora dos cursos
Tecnólogo em Processos Gerenciais e Recursos
Humanos da Unina.

REFERÊNCIAS:

FREITAS, A. Q. de; RÊGO, L. A. do; COSTA, M. S.; MONTEIRO, C. P. S. L.; COSTA, W. D. da P. **Inteligência Artificial na Educação: Contribuições e Desafios para o Processo de Ensino e Aprendizagem**. Revista Foco, [S. l.], v. 18, n. 2, p. e7748, 2025. DOI: 10.54751/revistafoco.v18n2-079. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/7748>. Acesso em: 14 jul. 2025.

MELLO, Cleyson de Moraes, José Rogério Moura de Almeida Neto, Marcio Martins da Costa. **Inteligência Artificial e Educação 6.0 - Os Caminhos da Educação Inteligente**, Rio de Janeiro: Processo, 2024.

FIGUEIREDO, L. de O., ZEM LOPES, A. M., VALIDORIO, V. C., & MUSSIO, S. C. (2023). Desafios e impactos do uso da Inteligência Artificial na educação. Educação On-Line, 18(44), e18234408. <https://doi.org/10.36556/eol.v18i44.1506>. Disponível em: <https://www.eduonline.openjournalsolutions.com.br/index.php/eduonline/article/view/1506> . Acesso em 25.08.2025.

CAVALCANTE, Ailton Ferreira; DA SILVA, Soraia Sorice; SILVESTRE FILHO, Irajá; DE OLIVEIRA, Valdivino José. **Inteligência Artificial no Ensino Superior: Revolução ou Desafio?**. Aracê, [S. l.], v. 7, n. 3, p. 12285-12297, 2025. DOI: 10.56238/arev7n3-123. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/3827>. Acesso em: 25 ago. 2025.



Entre a Ética e a Eficiência: O Uso da IA e os Desafios da Aprendizagem no Contexto Universitário

O presente texto visa estimular o pensamento crítico da comunidade acadêmica, trabalhando com as possibilidades existentes no ambiente universitário. Para isso, proponho um diálogo com temas relevantes, como o uso das tecnologias digitais, a autossabotagem e a aprendizagem.

O texto tem o objetivo de fazer com que estudantes, de modo geral, reflitam de maneira crítica e sensível sobre o uso das tecnologias digitais no contexto educacional, em especial, a utilização da inteligência artificial na construção de trabalhos acadêmicos, sua utilização em provas e como esse uso, quando feito de maneira indevida,

pode impactar o processo de aprendizagem.

Para promover uma reflexão crítica sobre a tríade mencionada, pode ser interessante entendermos os conceitos de tecnologia, inteligência artificial e aprendizagem. Importante mencionar que, embora se trate de conceitos amplos, os autores utilizados neste texto fornecem uma base para a reflexão proposta.

Inicialmente, abordaremos a tecnologia, a partir de um estudo de revisão de literatura que buscou explicitar o conceito atual de tecnologia. De acordo com Verasto et al. (2009), a tecnologia consiste em um conjunto de técnicas empíricas, intuitivas e científicas, que transforma, de maneira contínua, a forma como nos relacionamos com o meio.

Spadini (2023, p. 1) classifica a Inteligência Artificial (IA) como “ramo da ciência da computação que se concentra no desenvolvimento de sistemas e algoritmos capazes de realizar tarefas que normalmente exigem inteligência humana”. Nesse sentido, pode-se entender que, ao solicitar uma tarefa para a IA, o sistema entregará o resultado com o mínimo de esforço por parte do usuário, limitado à elaboração da pergunta.

Já a aprendizagem, conforme Dewey (1959), é um processo ativo, uma mudança contínua de experiência que modifica a capacidade de agir. Dewey coloca que a aprendizagem não é algo passivo, como sugerido no parágrafo anterior, e sim uma construção, um processo

ativo.

De acordo com os conceitos mencionados, elucido que a aprendizagem, a inteligência artificial e a tecnologia são elementos cruciais para um desenvolvimento amplo da sociedade. O grande ponto a ser discutido aqui diz respeito à utilização consciente e leal da IA no âmbito da aprendizagem.

Ao utilizar uma inteligência artificial para responder a trabalhos e provas, o aluno pode estar se autossabotando. Por um lado, a eficiência de uma inteligência artificial e, por outro, o discente pode estar anulando o verdadeiro objetivo proposto no contexto educativo: o aprender.

Claramente, existem diversas maneiras de utilizar o amplo campo das tecnologias digitais no meio educacional. É interessante que os alunos façam uso dessas tecnologias, desde que o façam de maneira crítica, reflexiva e ética, assim como determinam os documentos que norteiam o sistema educacional do Brasil (Alberti, 2024).

Devo deixar explícito que o uso das tecnologias digitais para fins educacionais deve ser consciente, pois apenas elaborar uma pergunta simples e obter uma longa resposta, bem formulada, não irá desenvolver o aluno de maneira integral.

O desenvolvimento acadêmico deve ser construído ao longo do tempo, com cautela e responsabilidade. Deixo enfatizado que a aprendizagem e o conhecimento são fatores

resultantes de uma conduta consciente e justa, resultando em um processo de ensino-aprendizagem satisfatório, que, por sua vez, colabora para um desenvolvimento leal e digno da sociedade.

Nikoly Alberti

Mestre em Educação e Novas Tecnologias (UNINTER). Professora do curso de Educação Física da Unina.

REFERÊNCIAS:

ALBERTI, Nikoly. Trabalhando a mobilidade articular: o Instagram como recurso didático para professores de Educação Física. 2024.

DEWEY, John. **Democracia e educação**: introdução à filosofia da educação. Companhia Editora Nacional, 1959.

SPADINI, A. S. **O que é Inteligência Artificial? Como Funciona uma IA, quais os tipos e exemplos**. 2023. Disponível em: <<https://www.alura.com.br/artigos/inteligencia-artificial-ia>>. Acesso em: 10 Jun. 2025

VERASZTO, E. V.; SILVA, D. da; MIRANDA, N. A.; SIMON, F. O. **Tecnologia**: buscando uma definição para o conceito. PRISMA.COM, [S. l.], n. 8, p. 19–46, 2009. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/2065>. Acesso em: 20 ago. 2025.

**Cursos de graduação,
pós-graduação e
extensão universitária**
Saiba mais em nosso site:
www.unina.edu.br



FACULDADE
UNINA

CURITIBA E REGIÃO:

(41) 3123 9000

DEMAIS LOCALIDADES:

4003-3741

Rua Claudio Chatagnier, nº 112, Bacacheri • CEP 82520-590
Curitiba/Paraná